

Uma expedição pelo Trombetas, pelas lembranças de vida e saudades das terras do Pará

Crônica inédita

Ainda tenho presente o momento preciso que se formou a idéia de escrever.

Nasceu em 1999, na Expedição anterior, na medida em que o Barco Leão III subia o Rio Tapajós, num acordar sudorético, impregnado pela estapafúrdia beleza do nascente amazônico e embalado no movimento anárquico da rede no jogo do barco, não sei se estimulado por ondas mais atrevidas de uma forte brisa num largo do rio ou rompendo a esteira de outro barco cruzador.

Levantando-me e olhando para uma das margens, divisei uma paisagem familiar, uma casa de palha, um pomar, um roçado coivarado e um cocal de babaçu. Foi um estalo na memória. Recordações do Tocantins, de Margarida e dos idos de 69 e 70. Tempos da militância revolucionária, da integração no campo. A relação com gente simples, vida dura, temerosa, porém feliz. Como seria bom Margarida aqui presente, com certeza entenderia o “apelo da terra” que aquela cena provocava no meu ser, confirmada pela ausculta de inspirar profundo e discreta palpitação.

Cresceu martelando minha mente pontuada pelo ritmo sistemático do motor. A viagem seguiu e daquela Expedição restaram diversas notas, para uma documentação futura mais completa.

Amadureceu no ano seguinte, na Expedição pelo Rio Trombetas, uma nova oportunidade para escrever. Como companheiros de viagem, Margarida, Raul (meu filho mais velho), a saudade de Renato e Roberto (o do meio e o caçula) e as dúvidas de como explicitar no contexto de uma expedição científica uma experiência existencial, recordações e saudades.

A opção foi privilegiar o contador que articula suas lembranças sobre as observações do cientista preocupado em intervir na realidade. Deixei que as emoções comandassem o contar, sem preocupação com o significante, mas comprometido em revelar sensações significativas.

As primeiras palavras foram tantas e fáceis, fluíram como um jorro hemoptóico [1] de vaso pulmonar rompido. Difícil foi a conclusão, lenta e prolongada, tal como a evolução de uma doença infecciosa e crônica. Qualquer semelhança com a tuberculose, que ocupou minha atenção nos últimos 25 anos, é uma natural coincidência...

Tudo começou com um convite de Bernardo no ano de 1998, para participar de uma Jornada de Doenças Tropicais em Santarém, organizada por Bernardo e Pardal, seguido de uma semana vagueando em uma Expedição Científica pelo Rio Tapajós e suas ribeiras.

Meu nome: lembrado por Dourado, meu preceptor e iniciador na política estudantil. Minhas credenciais: um filho da terra, que não é um filho da puta, mas que poderia filiar parte da pauta. Na Jornada: com certeza tuberculose, um pouco do tanto ou um tanto do pouco que sei. Na Expedição: quem sabe uma calculada estimulação para retorno à terra.

Naquele ano, não deu para tudo, ficou só a Jornada em Santarém. Acabei por não participar da primeira Expedição Científica do Tapajós em 1998, somente da Segunda em 1999, pelo mesmo rio, uma experiência tão rica quanto saudosista, repetida na terceira Expedição, agora pelo Trombetas.

Nasci em Belém, 24 de abril de 1945, veado do dia, touro do mês, fim de guerra do ano.

Aprendi a andar nas terras do equador. Dominei o nadar superando o medo do candiru, da arraia e do repuxo da maré nas águas da Guajará, nos trapiches de Icoaraci, nas praias do Mosqueiro, Salvaterra e nas distantes e salgadas Marudá e Salinópolis. Ali onde Chico, poeticamente, denominou de explosão atlântica da enchente amazônica, para mim, onde o Amazonas mija no mar.

As primeiras letras no Grupo Escolar Rui Barbosa, atrás da capelinha de São João, Cidade Velha, bairro da minha infância.

Foram aí meus folguedos de menino. Em suas vielas estreitas corri pira e polícia-ladrão. Em suas calçadas joguei pião e nas ruas de terra atirei lancinho [2], ganhei e perdi petecas no jogo de linha e triângulo [3]. Em suas praças, fiz peladas com pelotas de seringa e bola de meia [4]. Banhei-me nas chuvas torrenciais de após o meio-dia, chupando mangas derrubadas pelo vento enquanto secava no mormaço emanado dos paralelepípedos. Em suas esquinas empinei papagaio guinador [5] na viragem do vento geral, a brisa do fim de tarde. Linha trinta ou zero com “cerol” de vidro moído e cola de madeira, temperados com ácido pícrico ou corante de urucum. Linhas amarelas ou vermelhas, de melhor realce no bicolor azul celeste e branco das nuvens e do meu Paysandu Sport Club, para cortar no laço os adversários, com cabeçadas envolventes [6].

Os primeiros conceitos de vida, nas estórias, casos e fatos das conversas na boca da noite, quando em busca de um fresco e na espera da sopa do jantar, reuniam os vizinhos em cadeiras de vime nas portas das casas. Depois, ensaiando o sono, as novelas de rádio, em sua maioria rádios locais, de frequência tropical, que orgulhosamente falavam e cantavam para a planície, fundo musical influenciado pelos ritmos caribenhos do mambo, do merengue e da rumba. A lambada sincretiza esta influência, com o carimbó caboclo e o “vira” lusitano.

Os primeiros ensinamentos religiosos, na “cruzadinha” da Catedral da Sé, com assistência de solteironas carolas e pederastas reprimidos, nem todos, evidentemente.

A formação ginasiana e salesiana, no Colégio do Carmo, das missas diárias concluídas no latim do *Veni creator*, das pomposas bandas marciais nos desfiles da semana da Pátria, uniformes de gala militarizados, calças azul marinho, jaquetas brancas e bordões dourados. Cresci desfilando no fim do pelotão, na bicicleta de rodas e guidão adornados com fitas verde-amarelas e na banda como corneteiro, soprando as notas mais fáceis e desistindo nos acordes mais complicados. Teria sido aquela corneta, o advento do microfone do agitador na juventude ou do educador na maturidade? Sei lá, talvez!

O científico, no Colégio Estadual Paes de Carvalho, naqueles tempos, o grande centro formador da melhor estirpe da baixa pequena burguesia paraense.

As influências culturais, no Círculo Cultural dos 30 (CC-30), grupo de jovens onde se discutia literatura, poesia e ciência. As políticas, no movimento estudantil secundarista, na Juventude Estudantil Católica (JEC) e com os comunistas do Sindicatos dos Bancários, pois desde os 14 anos comecei a trabalhar como contínuo (*boy*) em um dos bancos mineiros que assolavam o país de então.

A primeira greve, como bancário e quase a minha primeira prisão. Na madrugada que antecedeu o início daquela greve, saí na madrugada com um grupo destacado para acorrentar as portas da agência do Banco do Brasil, Rua João Alfredo canto [7] da Padre Eutíquio, quando um grupo de policiais nos deu voz de prisão. Corri, como nas brincadeiras de polícia-ladrão, atrás a polícia, na frente sindicalistas e dois calouros. Alguns presos, dois lépidos adolescentes escapando e voltando para passar os cadeados com o objetivo de retardar a entrada dos funcionários e facilitar a ação dos piquetes. Eu com 15 anos, com 16, “Bosco” [8], o parceiro de fuga e de audácia juvenil.

No retorno ao Sindicato, heróis da noite e atentos ouvintes do proselitismo de velhos militantes sindicais. Manhã seguinte, na cabeça um nascente entusiasmo revolucionário, à tira colo, as primeiras leituras de literatura política. Naquela noite e durante o movimento, conheci “Nacif”, um turco-maranhense porreta, de bigode

stalinista, líder sindical, piqueteiro de mão cheia, que me transmitiu inúmeros ensinamentos sobre as greves e seu papel na política. Foi um dos meus modelos. Morreu... lembro-me dele com respeito e admiração, um comunista sincero e amigo, um grande homem, um revolucionário.

As paixões iniciais pelas coleguinhas escolares. As tentativas de namoro com parceiras de quadrilhas nas festas de São João, com quem aprendi os primeiros passos de dança. Em seguida, as festas de 15 anos, os bailes carnavalescos e de debutantes, onde aprimorei as “cantadas” e os galanteios com um fundo sonoro de Alberto Mota e sua Orquestra. Sonhava com todas, nenhuma especial, acredito que fui sonhado por algumas, nada firme, nada duradouro, tudo experimental.

Desabrocho sexual com empregadinhas conquistadas na feira-livre de Batista Campos e na velha Zona do Meretrício, no Centro de Belém, onde era eu o conquistado.

Amores, “Telma”, uma vizinha de fundo de quintal, primeiro amor e primeira desilusão. “Lídia”, uma puta juvenil que me ensinou os segredos dos leitos. “Carmem Lúcia”, uma bela morena de olhos azuis, um amor saudoso. Margarida, companheira, mãe, amiga, amante, o grande amor da minha vida.

A Universidade na Faculdade de Medicina da UFPA, onde conviveram o aprendizado e uma ativa participação no movimento estudantil. Fui membro do Diretório Acadêmico, presidente da União Acadêmica Paraense (UAP), participei de pichações, panfletagens, das lutas de protesto pela morte de Edson Luis, da Greve Geral com ocupação das escolas, das passeatas pela legalização da UNE e democratização, em 1968, o ano que não terminou. Neste me formei, casei com Margarida e como não terminasse, fugimos juntos de Belém ante a ameaça de prisão.

A militância política, a vida clandestina de 69 a 74 entre camponeses do Araguaia e no Nordeste, onde nasceu Raul e onde fui preso e torturado no ano de 1974. Oito meses encarcerado, quatro nos porões do DOI-CODI de Recife, o aparelho central da repressão, quatro num quartel em Fortaleza, onde fui achado pela família, que me acolheu e deu cobertura legal.

Liberto, retorno à Medicina. Mudo para São Paulo em 1975. Nasce Renato e Roberto. Estágio na Disciplina de Pneumologia. Trabalho no Instituto Clemente Ferreira e Hospital do Servidor Público Estadual, o estudo e a dedicação à tuberculose, culminando com o Doutorado na Escola Paulista de Medicina, UNIFESP.

Em 1998, trinta anos depois, o retorno à terra, á convite de Bernardo e Pardal, como um reconhecido pesquisador do mal provocado pelo bacilo de Koch. No ego, uma gostosa sensação de levantar, sacudir a poeira e dar a volta a volta por cima, como cantou o conterrâneo Billy Blanco.

Este ano a Expedição diferiu da anterior. O rio, não o Tapajós, mas o Trombetas, afluente da margem esquerdo do Amazonas, parte superior do mapa.

A expectativa era encontrar os antigos companheiros da viagem passada, nem Dourado nem João Carlos, grandes mestres, nem Rosinha, esposa de João Carlos, uma assistente-social de aguda percepção da realidade. Ausentes também Ninarosa, companheira de especialidade e com quem pesquisei asma em populações ribeirinhas; Cláudio, o clínico, o “Caminha” das expedições anteriores, autor das magníficas páginas que ornaram as fotos ainda mais magníficas de Conrad, um negro nova-iorquino, em Terra d’Água, o livro que documentou a primeira e parte da segunda expedição. Não veio a jornalista do “Globo” nem a equipe da TV Cultura de São Paulo, que produziram uma série de reportagens sobre a Expedição. Por fim, a ausência de Gerusa & família, interessados em avaliar as opiniões, do casal Boulos & seus estudantes, tão dedicados no atendimento dos pacientes enfileirados em cada porto.

Muitas diferenças, novas experiências, outras convivências...

Velhos companheiros como Bernardo o idealizador dedicado. Pardal, simplesmente um médico simples, destes raros de encontrar. Resende, o conselheiro experimentado. Tadeu, um homem da região. Elza, a neurologista de Brasília. Hanns e Peter, dois irmãos e colegas austríacos que internacionalizavam a Expedição. Fan Hui

Wen, a chinesa-paulistana, infecto-epidemióloga, diligente e planejadora, insubstituível pelo capricho com que prepara sua participação, compilando dados do IBGE e revendo literatura sobre a Região a ser visitada.

Agora novos companheiros. Marcos Vinícius, um infectologista competente e arguto observador, Joana, uma enfermeira-obstetra inteligente e dedicada, Lourdinha e seu grupo pesquisando parasitoses intestinais, Paulo Lobato, fotógrafo e jornalista paraense. E novidades como Margarida, esposa e botânica que junto com Pardal se propunha a classificar plantas tóxicas e medicinais, Raul, o primogênito com sua experiência em computação, disposto a preparar uma página na *internet* sobre a Expedição, aqui, quase certo, mais um aprendiz oportuno do feiticeiro paterno.

O Barco, o Cidade de Teresina, um novo comandante e uma nova tripulação, mas mantendo a colaboração do comandante Evilásio, o “Santo Inácio”, da Expedição anterior.

Saímos de Santarém num Domingo. Antes uma passagem na paradisíaca praia de Alter do Chão, regalados por uma peixada a base de tambaqui, pirarucu, tucunaré, farinha santarena, pimenta de cheiro e cerveja, tanta quanto sorve um bom paraense.

A Expedição inicia depois da gostosa e suarenta sesta e um poente que só estas terras podem oferecer. O sono noturno inicia e se aprofunda após a devida adequação do meu ronco com o ronco do motor, interrompido por discretas apnéias e a madrugadora necessidade de esvaziar a serva consumida.

Acordamos Trombetas acima, em Oriximiná, sede municipal, típica cidade que vive o rio e dele deriva. O trapiche, o cais, o comércio beiradão, a praça e a igreja matriz.

Organizo a mochila, um estetoscópio, um aparelho para medir pressão, algumas amostras de medicamentos próprios para a região, revejo as propostas que tinha estabelecido para avaliar a tuberculose e outras doenças respiratórias na viagem e, junto com Margarida e Raul, exploramos Oriximiná. Nada de branco ou avental, camisa de meia, bermuda, tênis e um chapéu australiano, oferta de um laboratório para as Expedições do Tapajós.

Ciente que a tuberculose geralmente é abordada na unidade de saúde mais importante dos pequenos municípios, procurei o Hospital Municipal de Oriximiná, antigo Hospital da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).

Fui o primeiro a chegar, apresentando-me à Direção do mesmo. Inicialmente uma recepção fria e desconfiada por parte da enfermeira chefe. Consigo “quebrar o gelo” após observar um RX de tórax secando ao sol, por trás de um aparelho de ar condicionado, secadora tão original quanto eficiente. Neste RX, havia um bócio mergulhante com um importante desvio de traquéia de uma paciente que reclamava de falta de ar, segundo o técnico radiologista. Solicitei que me apresentasse a paciente. Esta se apresentava como uma blusa de gola alta usada para esconder uma tumoração na base do pescoço, o popular “papo”. A gola, iludindo o técnico, o “papo” responsável pelas queixas, denunciado pelo RX para o profissional do ramo. Pronto, era médico e entendia do “roçado”. Facilidade maior foi conseguida, após as responsáveis pelo programa de tuberculose e de hanseníase encontrarem meu nome como colaborador do Manual de Normas para o Controle da Tuberculose de 1995.

O Hospital, com inúmeras e sérias dificuldades, constituía o grande centro de atenção à saúde do município, tão eficiente quanto possível de sê-lo, nas condições em que se faz saúde neste país, o que firma a minha convicção sobre a necessidade de um bom serviço público de atenção à saúde.

À noite, um jantar oferecido pela Prefeitura para os honrados e estranhos expedicionários em uma Oriximiná que, orgulhosamente, aguardava no fim de semana a festa de seu santo padroeiro, o dia do seu Círio Fluvial, antiga tradição paraense e estímulo para mais lembranças e saudades.

Partimos antes que raiasse o sol, o barco, os companheiros e a curiosidade do que iríamos encontrar nos dias seguintes.

Primeira parada, Varjão. Um núcleo ribeirinho mais ou menos 4 horas de Oriximiná.

Pareceu-me decadente e desorganizado. Uma placa desbotada e vencida anunciava uma visita do Governador do Estado para distribuição de títulos de terra. Como primeiras observações o raquitismo das crianças e a ausência de jovens, ambas, quem sabe, impacto da chegada à região da Mineradora. As crianças como vítimas da intoxicação pelo alumínio que os jovens extraem, captados como mão de obra barata e fértil.

A agente sanitária local, encontrava-se ausente, o que dificultou bastante o trabalho de levantamento de doenças respiratórias e outras questões de saúde.

Diagnostiquei um caso de tuberculose em uma gestante que segundo Elza, parecia ter comprometimento de sistema nervoso central. Uma carta para a equipe do Hospital foi elaborada, sugerindo tratamento imediato, enquanto corresse a confirmação do exame de escarro.

Como na Expedição anterior, foi possível relacionar algumas doenças respiratórias à presença da fumaça de fogão de madeira dentro de casa, todas episódicas, exacerbadas na estação das chuvas, quando aumenta sua permanência dentro da casa. É verdade, encontrei no Trombetas mais fogões a gás e querosene que no Tapajós. Outra influência da Mineradora?

De Varjão, ficou a impressão de miséria, desorganização e ausência de lideranças locais, compartilhada pelos companheiros de jornada e questionável pelo pouco tempo de convivência.

A parada para dormir no Porto Trombetas, impactava pelo ar “civilizado”, diverso das populações ribeirinhas.

Uma cidade cercada, delimitando o território da Mineradora, ruas e praças urbanizadas, supermercado, prédios modernos, selva de antenas parabólicas, diferentes tipos de casas diferenciando as classes ou os cargos de seus ocupantes.

No porto, um cais de cimento armado, porto acima, uma esteira como um esôfago, entupia gastricamente de bauxita um grande navio pacote. Na entrada, não uma rua comercial, mas uma boate tipo “terrace”, lembrava a velha Condor com seu Palácio dos Bares, “à margem esquerda do lendário Guamá”. Afinal, se explorar é preciso, relaxar e alienar com prazeres também é preciso. Juntando o supermercado e a boate, me vem a memória a velha política de “pão e circo” do império romano, repetida pelos impérios atuais.

Um pouco antes do Porto, a palafítica Vila dos 40 [10], habitada por putas e cafetinas, onde se fecha o ciclo das oportunidades oferecidas pela Mineradora. Para os homens, o trabalho braçal, suor e consumo. Para as mulheres cozinha e maternidade procriando e mantendo a renovação dos braços ou prostituição, especialmente para as mais jovens, circulando a migalha do capital de giro que permanece na região. Para a região, restos de mata destruída, grandes crateras e o vermelho bauxítico corando o verde amazônico, com impacto ambiental ainda não avaliado.

Não pude deixar de comparar Porto Trombetas à Forlândia no Tapajós, da Expedição do ano anterior. Aqui, a efervescência da exploração; lá, o resto decadente da rapina. Ontem, a hevea florindo nos tempos de guerra; hoje a bauxita escavada na “pax-liberal”. Ambas, ilhas de exploração planejadas e eficientes, cercadas de miséria e esquecimento periférico. Até quando, minha terra?

Felizmente, o acalanto revoltoso de uma noite mal dormida foi compensado pelo alvorecer no Lago do Erepecu, um imenso remanso do Trombetas, beleza anestésica para a memória de um passado impulsivo e militante. Descrevê-la difícil, incrível presenciá-la. Cheio de pavulagem [11], decanto para quem quiser ouvir: esta é a minha terra!

Nesta estabelecida Reserva Natural alcançamos o que se alto denomina de o Último Quilombo do Erepecu. Nenhum agente sanitário mais brancos que negros. Nordestinos, preocupados em se enquadrar às normas da Reserva, denunciavam uma

colonização recente, misturando novos e velhos moradores. Em todos, a justa esperança de conquistar um pedaço de terra.

Novamente, muitas crianças, mais sadias que vistas em Varjão, sugestão de que suas iguais, Mineradora abaixo, sejam realmente vítimas do raquitismo provocado pelo alumínio.

Na visita, mais conversa que atendimento. Não sei se por egoísmo ou por não conseguir separar a revolta estimulada na véspera do impossível pesquisador independente.

Com as crianças e alguns adolescentes, em conversas inocentes, consegui uma série de informações sobre o uso do Lago, por diretores da Mineradora, como balneário de lazer e de caça a tartarugas ou pesca com iscas modernas proibidas na Reserva.

Entre os adultos, mais cumplicidade com os exploradores da bauxita do que revolta encontrada em outros lugares. Forçando, só os relatos de violência da Polícia Federal sobre os moradores que transgrediam as normas da Reserva, nenhuma informação sobre igual tratamento aos homens da Mineradora. Em meu pensar, não escapa o relacionamento desta violência, a tuberculose amplia-se entre os fracos e mingua nos poderosos.

Consultei somente um velho com dor nas costas e um adulto com tosse, valendo o registro da primeira. Questionando o velho sobre casos de chiadores e tuberculosos no povoado ou vizinhança, respondeu-me preciso:

- *Asma, dotô, aqui não tem. Da tuberculose, lembro de um companheiro dos tempos de Mineradora, que cuspiu sangue e apareceu um buraco no Raios X dos pulmões. Foi enviado para tratamento em Oriximiná, curou e não sei que fim levou.*

O linguajar urbano e aculturado denunciava outro impacto da Mineradora.

O calor e a frustração foram refrescados ao mergulhar naquele mar de água doce, calma e negra.

Do Último Quilombo do Erepecu, saí com a sensação de que nada tinha de *último* e muito menos de *quilombo*, certeza mesmo, o *“encanto vibrante”* desta *“terra de rios gigantes”* e *“ricas florestas, fecundadas ao sol do equador”* (Hino do Pará).

Dormimos atracados numa Base do IBAMA, sede do Projeto de Proteção aos Quelônios Amazônicos. Visita, rápida, pela manhã antes de rumarmos para Tapagem.

Na Base cajueiros e abandono, não sei se mais caju ou mais esquecimento. Um tanque com crias de tartarugas e jacarés, sujo e malcheiroso e três homens, temerosos de alguma reprimenda tentando uma rápida e providencial limpeza. Efervescência ali, disseram-me, só na vazante do rio, quando desovam os quelônios nas praias emergentes e os barcos de estagiários nos alojamentos da Base, aquelas ainda não formadas e estes vazios e descuidados.

Tapagem, a comunidade ribeirinha visitada neste dia, era mais organizada que as anteriores. Recebeu-nos a visitadora sanitária contatada em Oriximiná, que já havia estabelecido uma certa triagem nas consultas.

Uma conversa inicial com ela esclarece-me um pouco das atividades sanitárias de Secretaria de Saúde Municipal. Duas ou três volantes por ano em um barco da Prefeitura Municipal. Nestas viagens, vacinações, distribuição de hipoclorito para esterilização da água, observação dos casos médicos mais graves com seleção dos que necessitam de assistência na sede do município. Nenhum médico nestas volantes, em geral, enfermeiros ou atendentes, raramente estagiários universitários de um *campus* avançado da UERJ existente em Oriximiná.

Oriundo de Tapagem, o caso de tuberculose que havia abandonado o tratamento, etilista, que permanecera perambulando em Oriximiná. Examinei sua família, oito contatos intradomiciliares, quatro adultos e quatro crianças, todas vacinadas com BCG, nenhum sintomático respiratório. Encontrei ainda, outro caso de tuberculose em um ex-trabalhador da Mineradora, que tratou e após seu retorno curado fora despedido. Não consegui esclarecer se por ter tido a doença ou por política de renovação trabalhista da empresa. Desconfio do estigma, mas não pude ir

além da desconfiança. Questionado sobre os direitos trabalhistas, recebera pouca coisa, segundo ele.

Muitas crianças nesta comunidade, tal como anterior e ainda rio acima, raras raquíticas, reforçando a desconfiança do provável raquitismo rio abaixo relacionado à contaminação das águas pelo alumínio. Também muitos jovens, o que favoreceu, ao final do dia, uma palestra sobre educação sexual e HIV-AIDS, de excelentes resultados, conduzidas pelo colega Marcos Vinícius e a enfermeira Joana, que além de bons comunicadores se impressionaram com a receptividade da comunidade sobre estas questões.

Enfim descendentes dos quilombolas. Logo de cara, foi a impressão que tive da comunidade de Boa Vista, bem próximo, rio acima, ao Porto Trombetas.

Presença marcante do negro, grau de organização social bem estabelecido, lideranças fortes e admiráveis, tradição de lutas e conquista. Estimulo o pensamento dialético do militante que sempre permanece em meu ser, de um lado, a proximidade com a Mineradora e sua estrutura capitalista altamente desenvolvida, de outro, a tradição de escravos fugitivos, que libertos, subsistiram e resistiram graças a sua vida comunitária e cooperativa.

Na tentativa de aportar o Barco, um velho e ativo negro, de remo e canoa, sugere que ele encoste igarapé acima o que é contestada por alguém do barco. Bate-boca. Alguém argumentando a necessidade de um porto seguro e o negro concluindo de forma curta e grossa, que Deus lhes dera um porto seguro no local indicado. E lá, foi onde o barco aportou.

Em terra, primeiro contato, estórias e história vívidas e reais documentadas por uma importante liderança local.

Um telheiro rústico, bancos de troncos, brancos e morenos urbanos atentos, uma negra simpática e segura, com um domínio impar do relato oral, organizado e objetivo, tanto quanto as conquistas obtidas pela comunidade. Propriedade coletiva, delimitada e registrada, educação, assistência de saúde, energia, em breve água encanada e tratada, não dádivas ou esmolas e sim a resultante de debates e confrontos. Mais ainda, a consciência do obtido e dos objetivos a serem alcançados, do caminho e do processo para obtê-los. Para os ouvintes, uma lição de cidadania, para mim, um deles, também uma canção provocativa de retorno. Meu espírito se excita, minha terra, minha gente, meu orgulho nativo.

Predomina o catolicismo na comunidade com uma pequena percentagem de evangélicos. Aqui a igreja católica parece ter uma atividade engajada, prestando uma efetiva assistência nas lutas comunitária, com certeza seu ramo progressista. Tentativas de investigar a presença da religião negra da macumba ou candomblé foram inicialmente infrutíferas, mais tarde alguns relatos deram conta de sua presença, principalmente igarapé acima e com um convívio sem atrito com as religiões dos brancos.

O atendimento foi no espaço comunitário, construção ampla e sólida, limpa e arejada, onde funciona a Escola e o Posto Médico. Investiguei a vacinação BCG nas crianças e dentro dos objetivos a tuberculose e a Asma.

Duas curiosidades. Consultei o mesmo velho, de remo e canoa, que discutira sobre o local de onde aportar o barco. Queixava-se que era muito nervoso e de “pavio curto” questionando sobre a existência de algum remédio para seu caso. Tentei explicar-lhe, que seu comportamento era natural e até bom que botasse para fora suas ansiedade com xingamentos. Nada mais relaxante, Olho no olho, a consulta terminou com um aperto de mão e sorrisos, o dele educado, parecendo-me de compreensão, o meu iludido, sem nunca saber se fui realmente entendido. A segunda, o fato de não termos constatado uma frequência alta de hipertensão entre os negros. É reconhecido que os escravos negros trazidos para o Pará são das mesmas origens africanas que povoaram o nordeste e sudeste, onde se encontram altas taxas de hipertensão que se relacionam a seleção dos hipertensos nos navios negreiros, mais aptos em sobreviver às agruras da longa viagem, com desidratação e subnutrição. Teria a convivência com

a mata e o rio, com maiores ofertas nutritivas, estabelecido uma nova influência seletiva. Quem sabe, uma boa hipótese para uma tese epidemio-genéticos.

No retorno, viajamos durante o dia e não a noite quando subimos o rio, facilitando o vislumbra de uma paisagem só possível a quem ela vivencia. A mata e o rio, o rio e a mata, como uma unidade impar, o visual estimulando a reflexão. As conversas preparavam os relatos para a reunião noturna de revisão e avaliação dos trabalhos desenvolvidos no dia, atividade constante de pós janta.

Cruzamos a Vila dos 40 minutos, fotos. O grande paquete atolado de bauxita vencia as águas descendentes e o nosso barco, outras fotos. O mergulho do sol na mata, mais fotos.

Uma fina chuva de fim de tarde interrompia uma conversa de proa com Marcos Vinícius. Era a nossa vez de ultrapassar barcos menos potentes onde se podia notar as redes amontoadas e o fechamento das lonas laterais. Isto facilitou uma observação do atento colega e resolveu uma questão que lhe havia confidenciado ao coletar os dados sobre tuberculose.

Dos quinze casos de tuberculose, dez eram de zonas urbanas e cinco de populações ribeirinhas. Visitei três casas de doentes ribeirinhos durante a Expedição e não encontrei nenhum outro familiar doente. A transmissão provavelmente não fora intradomiciliar, suscitando a pergunta de como esta se processara. Os cinco casos eram de pessoas que viajavam muito no rio, mais que os restantes dos contatos, para Marcos Vinícius, a transmissão deveria ocorrer durante as viagens, à noite, no aglomerado de redes quando se fecham as lonas, formando um ambiente propício a comunicabilidade do bacilo. Outro mote para investigações futuras.

Chegamos madrugada alta em Oriximiná. O cais enchera-se de barcos dos mais variados tamanhos, repletos de romeiros ribeirinhos. Afinal era sábado véspera do domingo de Círio, na capital municipal.

Pela manhã, alcançar a terra firme só cruzando outras embarcações. Dia livre, um passeio para um churrasco e banho num belo recanto próximo a cidade. Na volta uma passagem pela praça da matriz com o arraial embandeirado e concluído, sorvetes com sabores regionais.

Além do Círio, o destaque em Oriximiná foi a presença de um Catamarã da ENASA [12]. A cidade recebia pela primeira vez aquele tipo de navio que comumente faz a linha Belém-Santarém-Manáus e não adentra nos afluentes.

No Catamarã, um grupo de intelectuais e estudantes num Encontro sobre as influências do rio e da mata sobre o pensamento e o comportamento das populações amazônicas. O navio, um luxo, camarotes com ar condicionado, restaurante, piscina, solário, um bar tipo *pub* inglês, afora o que não vi.

Pasmo e prazer no encontro com velhos conhecidos. Paes Loureiro, o poeta, companheiro de UAP e de jornadas universitárias; o casal Luís e Lourdinha, ele estudioso do pensamento mágico das tribos amazônicas, ela educadora ambiental, pesquisadores do Museu Emílio Goeldi de Belém, amigos de longas datas.

Uma longa conversa no bar do navio, monopolizada pelo relato da expedição por mim e Margarida a atentos ouvintes, sociólogos, cientistas e afins, firmava um contraste entre um dois grupos semelhantes, o nosso tentando aprender e intervir na realidade, os outros refletindo e especulando sobre a mesma.

Ao fim dela, saindo para o cais e comparando as dimensões do Catamarã, do Cidade de Teresina e das embarcações populares, construí um modelo simbólico das diferenças de recursos e de base fluvial. Não deu para espantar do pensamento uma afirmação meio chula que, de vez em quando, provooco em palestras sobre a necessidade da prática para a elaboração das idéias: “há os que rodam a bolsinha e os que tergiversam sobre a rotação”. As reflexões continuaram numa rede balançando sobre o papel do intelectual e sua intervenção transformadora na realidade. Um bocejo reconfortante e o sono tranquilo dão conta que hoje reconheço a validade de diferentes modos e papéis desta ação. Já fui estreito e intolerante.

Nem ficamos para o Círio. Uma pena, dizia Lourdinha já em São Paulo, uma original e bela manifestação da religiosidade paraense.

Saímos de volta para Santarém na noite do Sábado, passando novamente um domingo na praia de Alter do Chão. Fica a suspeita que Bernardo quer deixar como última lembrança em cada um de nós, além da dura realidade e da intrepidez do povo, a beleza natural de sua região.

No vôo de volta, da selva do verde para a selva de pedra, repassa na cabeça outros versos do Hino do Pará: “...quanto orgulho ser filho, de um colosso tão belo e tão forte” e um desejo de retorno e contribuir para “*juncar de glória teu trilho, do Brasil, sentinela do norte.*”

Pressinto que a saudade estimulou o paraense presepeiro [13] que nunca deixei de ser.

NOTAS:

1. Hemoptóico - de hemoptise, eliminação de sangue pela boca de origem pulmonar.
2. Arame com ponta afiada que se joga lançando para enterrar na areia.
3. Tipo de jogo com bolas de gude, cujo o objetivo é tirar as bolas de dentro de um triângulo e os competidores ordenados pela maior ou menor proximidade da bola de jogo atirada a uma linha marcada à distância no início do mesmo.
4. Seringa: bola de borracha crua (balata) estufadas pelo calor de uma fogueira. Bola de meia: preparadas com meias cheias de papel jornal.
5. Pipa típica do Pará, feita com talas de palmeira e papel de seda.
6. Movimentos rápidos do braço, para obter um cruzamento das linhas entre as pipas.
7. Canto, esquina em bom paraensês.
8. Entre aspas nomes fictícios de personagens reais.
10. Vila dos 40 Minutos, corresponde ao tempo de barco entre Porto Trombetas e a mesma e não ao tempo que lá se convive com as moradoras.
11. Pavulagem - corruptela de pavonear, fanfarrice, empáfia. Termo muito usado nas terras paraense.
12. Barco de passageiros, com dois cascos, da Empresa de Navegação da Amazônia S.A.
13. Presepeiro - contador de vantagens, fanfarrão. Mais linguajar paraense.